

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CANCIONEIRO DE S. SIMÃO DE NOVAIS. SEGUNDA SÉRIE.

LIMA, Fernando de Castro Pires de

Ano: 1927 | Número: 37

Como citar este documento:

LIMA, Fernando de Castro Pires de, Cancioneiro de S. Simão de Novais. Segunda série. *Revista de Guimarães*, 37 (4) Out.-Dez. 1927, p. 278-281.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Cancioneiro de S. Simão de Novais

(segunda série)

coligido por

Fernando de Castro Pires de Lima

(Cont. da pág. 46)

946

O' rendeira, vende renda?
Cada metro a vintém;
metro e meio não me chega
para o lenço do meu bem.

947

Não me afaço na montanha,
onde se arranja a carqueja.
Dei a mão ao meu amor
lá no arco da Igreja.

947

Lá no arco da Igreja
dei a mão à liberdade;
'stava falha do juízo,
quando te fiz a vontade.

949

O' Santa Marta do alto,
romaria só de um dia!
Se tivera dois ou três,
isso era o que eu queria.

951

Os cravos não são beijinhos;
eu muitos te tenho dado:
hoje estou arrependida,
meu coração 'stá virado.

947

O' ribeira! O' ribeira!
O' que ribeira tamanha!
'stou afeita na ribeira,
não me afaço na montanha.

947

Lá no arco da Igreja
dei a mão à liberdade;
dei a mão ao meu amor
muito à minha vontade.

948

O' Santa Marta do alto,
senhora tam pequeninha,
comadre de minha Mãe,
senhora minha madrinha! (1)

950

O' sapo! arriba, ó sapo!
O' sapo! arriba ao monte!
Vamos à boda do sapo,
que a do *choupilo* foi *onte*.

952

Os diabos do inferno
cantam lá muito baixinho,
no meio daquele inferno,
a dança do Regadinho.

(1) Cf. 266.

953

O' Senhora da Saúde!
De longe vos vimos ver,
que destes saúde e vida
a quem 'stava p'ra morrer.

955

O' Senhora da Saúde!
'stais num alto tam subido
a fazer tantos milagres,
que por Deus é permitido!

957

O' Senhora da Saúde,
nós aqui vos vimos ver,
a quem destes a saúde,
a quem 'stava p'ra morrer!

959

O' Senhora da Saúde,
vinde ao meio da igreja!
Eu vos quero adorar
onde tôda a gente veja.

961

O' Senhor dos *Afelitos*!
O' Senhor do Bom Jesus!
Agora é que estou entrando
em S. Tiago da Cruz.

963

O' Senhor de Matosinhos,
vinde-me esperar a Leça:
eu tenho as pernas curtas,
não posso andar depressa.

965

Os homens são como os burros,
só *the* falta ter o rabo:
andam atrás das mulheres
na figura do diabo...

954

O' Senhora da Saúde,
estais dentro da vidraça!
Eu vou-me daqui embora,
Maria, cheia de graça!

956

O' Senhora da Saúde,
eu para o ano lá vou!
Ou casada, ou viúva,
ou no estado em que estou. (1)

958

O' Senhora da Saúde,
que estais dentro da capela!
Eu vou-me daqui embora
e vós ficais dentro dela.

960

O' Senhor dos *Afelitos*!
Ao redor de vós andei:
tantos anjos me acompanhem
quantas passadas eu dei! (2)

962

A Senhora do Sâmeiro
bota fitas a voar:
vermelhinhas e branquinhas,
tôdas vão cair ao mar.

964

O' Senhor Padre José!
Fi-la cama na roseira:
queria que me dissesse
se a cama de rosas cheira. (3)

966

Os Joões são todos tolos,
os Josés são 'stravagantes,
Antón'o, rei dos amores,
Manuel, rei dos amantes!

(1) Cf. 179.

(2) Cf. 178.

(3) Variante:

O' Senhor Padre José!
Fiz a cama na roseira:
queria-lhe perguntar
se a rosa na cama cheira.

Variante da 262:

Os sinos da nossa terra

967

O' S. João de Landim,
que fazeis ao que ganhais ?
Trazeis a mulher descalça,
nem uns sòquinhos lhe dais !

969

Os olhos pretos são caros,
brancos custam a apar'cer ;
gosto de ver os teus olhos,
que são os do bem querer.

971

O velho e mais a velha
foram ambos aos feijões :
não os acharam maduros,
viraram-se aos bofetões.

973

O' vida da minha vida !
O' vida do meu chapéu !
Se eu morresse pequenino,
estava agora no Céu.

975

O vira cá nesta terra
já não é como tem sido :
até aqui era saltado,
agora já é batido.

977

Para o domingo que vem,
eu hei-de ir à missa ao Couto.
Se me fugiu um amor,
agora já tenho outro.

979

Passas por mim, não me salvas,
nem o teu chapéu me tiras !
Decerto que te disseram
de mim algumas mentiras...

981

Passei pela tua porta,
pedi água, não ma deste :
quando passares à minha,
farei como me fizeste !

968

Os meus olhos são dois peixes,
navegam numa lagoa :
choram lágrimas de sangue
por uma certa pessoa...

970

O' triste segunda-feira
da semana a seguir !
¿Que há-de ser do meu amor,
se no domingo o não vir ? (1)

972

O' vida da minha vida !
Assim te quero dizer :
uma roda só não anda,
bem o podes entender... (2)

974

O' Vila Real alegre,
provincia de Trás-os-Montes !
Nos dias que te não vejo,
meus olhos são duas fontes.

976

Para domingo que vem,
eu hei-de ir à missa a Arnoso :
hei-de ver o meu amor
ao pé do cedro mimoso.

978

Passas por mim, não me falas,
respeito guardas a alguém...
Fala p'ra quem tu quiseres,
respeita a quem te quer bem.

980

Passas por mim, não me salvas,
respeito guardas a alguém :
podes passar e falar,
respeitas quem te quer bem...

982

Passei pela tua porta,
pus a mão no cadeado ;
não ma quiseste abrir,
coração de oiro lavrado ! (3)

(1) Cf. 393.

(2) Cf. 56.

(3) Cf. 405.

983

Pega lá que te dou eu,
que será tua fortuna :
uma mão cheia de nada,
outra de coisa nenhuma.

985

Pinheiro, dá-me uma pinha !
O' pinha ! dá-me um pinhão ;
menina ! dá-me os teus olhos,
que eu dou-te o meu coração.

987

Porque não fôste à missa
êste domingo passado ?
Eu não te vi na Igreja,
meu cravo roxo pintado !

989

Prometeram-me uma prenda,
se eu p'ra ti não falasse ;
respondi a quem mo disse :
só se o mundo acabasse !

991

Pus-me a chorar saüdades,
ao pé duma sepultura ;
uma voz me respondeu :
o mal de amores não tem cura !

993

Quando a Virgem Maria,
Santa Isabel visitou,
no ventre de sua Mãe
o Baptista ajoelhou !

995

Quando eu aqui cheguei,
dei um ai muito baixinho :
era noite, fez-se dia,
saü-me o sol a caminho... (1)

984

O sol é que alegre o dia,
pela manhã, ao nascer.
Meu coração anda triste,
só se alegre em te ver.

986

Põe-te a pé, ó preguiçosa,
anda ouvir a serenata !
Que linda noite de rosas !
Que lindo luar de prata !

988

Preguntais-me donde eu sou,
onde é minha freguesia ?
Minha terra é S. Miguel,
ao pé de Santa Luzia.

990

Pus-me a chorar saüdades,
ao pé da água que corre ;
uma voz me respondeu :
quem tem amores não dorme !

992

Pus-me a escrever o teu nome,
todo em letras douradas.
Espalha as tuas saüdades,
que as minhas 'stão espalhadas.

994

Quando casar, o vadio
vá para a sua mulher,
que nós somos solteirinhas,
nenhuma de nós o quer...

996

Quando eu era pequena,
antes de meu pai nascer,
inda não engatinhava,
já gostava de te ver...

(Continua).

(1) Cf. 474.